

CONHECIMENTO DE MOTOTAXISTAS QUANTO AOS RISCOS OCUPACIONAIS^a

Thaise Souza Oliveira^b

Silvio Arcanjo Matos Filho^c

Giovana Fernandes Araújo^d

Resumo

Este estudo teve como objetivo geral avaliar o conhecimento dos mototaxistas de Jequié (BA) quanto aos riscos ocupacionais; foram objetivos específicos: identificar os principais riscos ocupacionais desses mototaxistas e descrever as medidas de prevenção por eles adotadas. Trata-se de um estudo de cunho predominantemente qualitativo, exploratório e descritivo, desenvolvido em pontos de mototáxi de Jequié, com uma amostra composta por 25 mototaxistas cadastrados na Associação de Mototaxistas de Jequié (Amoje). A coleta de dados realizou-se por meio de entrevista aberta semidirigida. Os resultados permitiram constatar que os mototaxistas conceituam os riscos ocupacionais como perigos constantes de seu trabalho. Os riscos conhecidos por eles são: físicos, como a radiação UV e altas temperaturas; ergonômicos; de segurança, destacando-se a falta de policiamento, trânsito desorganizado e imprudência; e sociais, uso de álcool e drogas, além do preconceito. As medidas de prevenção descritas foram: uso de protetor solar, capacetes, sapatos adequados, conscientização e cautela no trânsito. Foi possível também propor medidas de controle e prevenção para os riscos ocupacionais não relatados. Concluiu-se que é importante a regularização da profissão e a adoção de medidas intersetoriais para a prevenção e controle dos riscos ocupacionais cujas estratégias poderão reduzir os acidentes de trabalho e o preconceito com a categoria.

Palavras-Chave: Riscos ocupacionais. Saúde do Trabalhador. Mototaxista.

^a Este artigo é baseado em trabalho de conclusão do curso de Especialização em Enfermagem do Trabalho, Faculdade de Saúde Ibituruna (FASI). A pesquisa foi financiada exclusivamente pelos autores.

^b Enfermeira. Especialista em Enfermagem do Trabalho. Especialista na modalidade Residência em Medicina Social com área de concentração em Saúde da Família. Enfermeira da Estratégia de Saúde da Família no município de Salvador.

^c Enfermeiro. Mestre em Enfermagem. Especialista em enfermagem do Trabalho. Professor Adjunto da Universidade Estadual da Bahia (UESB).

^d Enfermeira. Especialista em Enfermagem do Trabalho. Especialista em Saúde da Família. Mestre em Meio Ambiente e Sustentabilidade. Professora horista na Faculdade Independente do Nordeste (FAINOR).

Endereço para correspondência: Rua da Grécia, n.º 3 A, Edifício Caramuru, Comércio, Salvador, Bahia. CEP: 41180-000. thaise_oliveira@hotmail.com

KNOWLEDGE OF OCCUPATIONAL HAZARDS AMONG MOTORCYCLE TAXI DRIVERS

Abstract

This study aimed to understand the risk perception of motorcycle taxi drivers of Jequié, Bahia, Brazil, regarding occupational hazards. The specific objectives of this study were: to identify major occupational hazards for motorcycle taxi drivers, and to describe the preventive measures adopted by them. This is a predominantly qualitative, exploratory and descriptive study, developed in motorcycle taxi stands in Jequié. The sample consisted of 25 motorcycle taxi drivers registered in the Association of Jequié Motorcycle Taxi Drivers (Amoje). Data collection was performed through open semi-directed interviews. The results allowed the verification that the motorcycle taxi drivers conceptualize occupational hazards as constant dangers of their work. The risks recognized by the workers are: physical such as UV radiation, high temperatures; ergonomic; of safety, policing lack, disorganized traffic and imprudence; and social, use of alcohol and drugs, besides the prejudice against them. The prevention measures described were: use of suntan lotion, helmets and proper shoes, understanding and being cautious in traffic. It was also possible to propose control and prevention measures for the occupational risks, which were not reported. It was concluded that it is important the regularization of the profession and the adoption of intersectoral measures for the prevention and control of occupational hazards whose strategies can reduce work-related accidents and prejudice towards motorcycle taxi drivers.

Key words: Occupational hazards. Occupational Health. Workers. Motorcycle taxi driver.

EL CONOCIMIENTO DE LOS RIESGOS LABORALES ENTRE LOS MOTOCICLISTAS PROFESIONALES

Resumen

Este estudio tuvo como objetivo general comprender la percepción de los motociclistas, de la ciudad de Jequié - BA, sobre los riesgos profesionales. Los objetivos específicos fueron: identificar los principales riesgos laborales de estos motociclistas y describir las medidas preventivas adoptadas por ellos. Se trata de un estudio de enfoque cualitativo, exploratorio y descriptivo, desarrollado en las paradas de motocicletas-taxi en la ciudad de Jequié. La muestra estuvo compuesta de 25 motociclistas profesionales, registrados en la Asociación de motociclistas-

taxi de Jequié (Amoje). La recolección de datos se llevó a cabo a través de entrevista abierta semi-dirigida. Los resultados mostraron que los motociclistas conceptúan los riesgos laborales como un peligro constante en su trabajo. Los riesgos apuntados por ellos son: físicos, la radiación UV y las altas temperaturas, problemas ergonómicos, la seguridad, destacando la falta de vigilancia policial, el tráfico desorganizado y la imprudencia; y riesgos sociales: el uso del alcohol y las drogas, además de los prejuicios. Las medidas de prevención descritas fueron: el uso de protector solar, cascos, calzado adecuado, la conciencia y prudencia en el tráfico. También fue posible proponer medidas de control y prevención para los riesgos profesionales no declarados. Se concluye que es importante la regularización de la profesión y la adopción de medidas intersectoriales para la prevención y control de riesgos laborales, cuyas estrategias puedan reducir los accidentes del trabajo y los prejuicios con la categoría.

Palabras-Clave: Riesgos laborales. Salud ocupacional. Motociclista-taxi.

INTRODUÇÃO

O trabalho desempenha um papel essencial nas relações sociais de vida do homem. Ele é benéfico quando proporciona o alcance das necessidades de subsistência. Contudo, ao exercê-lo, o homem pode se expor aos riscos ocupacionais presentes no ambiente de trabalho, que afetam direta ou indiretamente sua saúde.¹

Historicamente, em função do sistema capitalista vigente em nossa sociedade, o trabalho passou a ser visto pelos estudiosos como uma atividade penosa, que expõe os trabalhadores a diversos riscos no seu ambiente de trabalho e contribui para seu adoecimento.

Riscos ocupacionais são todos os fatores ambientais que podem ocasionar lesão, doença ou inaptidão, ou comprometer bem-estar do trabalhador e o da comunidade.² Os trabalhadores podem ser expostos a vários riscos ocupacionais ocasionados por fatores químicos, físicos, biológicos, ergonômicos, psicológicos, sociais, de segurança e ambientais, causando maior possibilidade de surgimento de doenças ocupacionais e acidentes de trabalho.

O trabalho realizado no trânsito das grandes cidades apresenta características como a rotina, condições de trabalho inadequadas, jornadas excessivas, noites maldormidas, hábitos alimentares inadequados e violência urbana. É, portanto, um ambiente caracterizado por uma diversidade de riscos, sobretudo para aqueles que dele necessitam para sobreviver.^{3,4} Nesse contexto, verifica-se o aumento do número de acidentes de trabalho relacionados ao trânsito, o que evidencia a realidade dos acidentes de trabalho associados à violência urbana, bem como às mortes por causas externas, dentre as quais se destacam os acidentes de trânsito.^{5,6}

No sistema de transporte urbano, um trabalhador que vem ocupando espaço significativo a partir da década de 1990 é o mototaxista, especialmente das cidades de pequeno e médio porte.^{7,8} Os trabalhadores que atuam como mototaxistas transportam passageiros e conquistam cada vez mais espaço nas ruas das cidades brasileiras.

Em âmbito nacional, a Lei n.º 12 009,^{9:4} já reconheceu a atividade na condição de categoria profissional, conforme diz o seu texto: “[...] regulamenta o exercício das atividades dos profissionais em transporte de passageiros, ‘mototaxista’, em entrega de mercadorias e em serviço comunitário de rua, e ‘motoboy’, com o uso de motocicleta”. Apesar de sancionada, pouco tem sido feito para que seja cumprida, sendo necessário o estabelecimento de uma legislação específica em cada município, a ser aprovada pelo poder legislativo da cidade.

Não obstante a importância desse profissional no contexto do transporte, na maioria das vezes suas condições de trabalho são precárias. Assim, este estudo é importante devido à necessidade do desenvolvimento de pesquisas que possam subsidiar a criação de políticas públicas que propiciem a melhoria das condições de trabalho daqueles que exercem esta atividade. Além disso, a prevenção de riscos ocupacionais é uma das maneiras mais eficazes de promover a saúde dos trabalhadores e uma das etapas mais importantes da prevenção é a de reconhecimento dos riscos.

A motivação para a realização desta pesquisa deu-se com base na verificação do crescente número de acidentes de trânsito envolvendo mototaxistas no município de Jequié (BA) e na observação empírica dos riscos ocupacionais a que são expostos esses trabalhadores.

Diante do exposto, o estudo teve como objetivo geral avaliar o conhecimento dos mototaxistas de Jequié (BA) quanto aos riscos ocupacionais. Foram objetivos específicos: identificar os principais riscos ocupacionais desses mototaxistas e descrever as medidas de prevenção por eles adotadas.

MATERIAL E MÉTODOS

O presente estudo caracterizou-se por ser um estudo descritivo, com delineamento exploratório e descritivo, e abordagem qualitativa. Tendo em vista a especificidade deste estudo, qual seja, avaliar o conhecimento dos mototaxistas de Jequié (BA) quanto aos riscos ocupacionais, entende-se que a abordagem qualitativa seja a modalidade de pesquisa mais adequada para o alcance dos objetivos propostos.

O estudo foi realizado no município de Jequié, geograficamente localizado na região sudoeste da Bahia, há 350 km da capital e com população de 151.104 habitantes, conforme Censo de 2010.¹⁰

O cenário da investigação foi constituído por “pontos” de mototáxi do centro da cidade de Jequié. Esses “pontos” são espaços espalhados pelos diversos bairros da cidade, algumas vezes alugados pelos mototaxistas, mas a maioria deles é fixada nas calçadas, onde se concentram em torno de 10 trabalhadores, quase sempre não vinculados a empregador.

O universo da pesquisa foi composto por mototaxistas cadastrados na Associação de Mototaxistas de Jequié (Amoje), na qual existem atualmente, de acordo com informação prestada pelo diretor da referida associação, 2.512 cadastrados. Esses são diferenciados dos mototaxistas não associados pelo uso de coletes reflexivos na cor laranja com o logotipo da associação.

A amostra constituiu-se de 25 mototaxistas encontrados em pontos de mototáxi do centro da cidade, associados à Amoje, que, voluntariamente, aceitaram participar do estudo, confirmando por meio de assinatura no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). O número de participantes do estudo baseou-se nos critérios de saturação e consistência dos dados definidos para pesquisas qualitativas.^{11,12}

Os princípios éticos contidos na citada resolução foram cumpridos, sendo iniciada a pesquisa somente após sua aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), pelo protocolo n.º 158/2010.

A coleta de dados realizou-se por meio de entrevista aberta semidirigida, por ser considerada a técnica mais adequada para este tipo de estudo. Para a análise das entrevistas, foi utilizado o método de análise de conteúdo temática,¹³ do tipo categorial temática. As categorias identificadas foram: conhecimento dos mototaxistas sobre sua saúde; conhecimento dos mototaxistas a respeito dos riscos ocupacionais; medidas de prevenção adotadas pelos mototaxistas; sugestões dos mototaxistas para diminuição dos riscos ocupacionais. Os participantes, conforme as entrevistas, foram identificados neste texto como entrevistados MT 1, MT 2, ..., MT 25.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Durante o estudo, para melhor identificação do perfil dos informantes mototaxistas, foram consideradas variáveis como idade, sexo, escolaridade, renda e cor autodeclarada. Os sujeitos do estudo possuem de 20 a 53 anos de idade; cerca de metade possui de 31 a 40 anos; todos os 25 são do sexo masculino; quanto à escolaridade, 3 possuem Ensino Fundamental incompleto, 3 concluíram o Ensino Fundamental, 4 não concluíram o Ensino Médio e 15 têm o Ensino Médio completo; o tempo de atuação na atividade variou de 10 meses a 15 anos; a maioria trabalha como mototaxista de 6 a 10 anos;

em relação à carga horária por dia, a mínima foi 4 horas e a máxima 14 horas; a maior parte trabalha de 9 às 12 horas.

Quanto aos aspectos relacionados à organização do trabalho, a maioria trabalha dois turnos diariamente, mas possui autonomia para decidir o ritmo e a intensidade do trabalho, fazendo a maior parte das corridas na área urbana.

CONHECIMENTO DOS MOTOTAXISTAS SOBRE SUA SAÚDE

A saúde é um direito universal e dever do Estado, caracterizando-se como uma conquista do cidadão brasileiro, expressa na Constituição Federal e regulamentada pela Lei Orgânica da Saúde.¹⁴ No âmbito dessa conquista, emerge a Saúde do Trabalhador, que faz parte da Vigilância em Saúde no Sistema Único de Saúde (SUS) e compreende um conjunto de atividades que objetiva, por meio das ações de Vigilância Epidemiológica e Vigilância Sanitária, realizar promoção e proteção da saúde dos trabalhadores, bem como a recuperação e reabilitação da saúde dos trabalhadores expostos aos riscos e agravos em função das condições de trabalho.¹⁵ Nesta perspectiva, os mototaxistas relataram o que entendem por Saúde do Trabalhador, como é possível observar em alguns depoimentos:

“A saúde do trabalhador é tudo. Se a gente não tiver saúde, a gente não tem condições de trabalhar.” (MT 15).

“Se eu não tiver saúde, certamente não vou desempenhar bem o meu trabalho.” (MT 9).

“Acho que vem em primeiro lugar, porque se não tiver a saúde, acho que fica difícil ter o trabalho. Então, a prioridade é a saúde.” (MT 18).

“[...] é extremamente importante pra que a gente possa exercer um bom trabalho.” (MT 20).

Esses depoimentos permitem perceber-se que os mototaxistas consideram a saúde essencial para o desenvolvimento adequado do trabalho. Contudo, não possuem um conhecimento mais aprofundado sobre a Saúde do Trabalhador. Alguns deles relataram desconhecer o significado de saúde do trabalhador. Tal situação advém da falta de divulgação sobre a temática, além de poucas atividades de educação permanente destinadas aos trabalhadores informais, especialmente mototaxistas. Apesar disso, é relevante o fato de atribuírem importância à relação entre seu trabalho e sua saúde.

Alguns sujeitos da pesquisa mencionaram a importância da realização de exames periódicos: “[...] a preocupação com a saúde, fazer os exames periódicos, é muito importante.” (MT 18). Esse tipo de exame é citado na NR 7,¹⁶ que dispõe sobre o Programa de Controle Médico de Saúde Ocupacional (PCMSO). Segundo essa NR, são obrigatórios, além dos exames periódicos, os admissionais, de retorno ao trabalho, de mudança de função e demissionais. Entretanto, como os mototaxistas não são trabalhadores regidos pela Consolidação das Leis do Trabalho, não existe essa obrigatoriedade. Nesta perspectiva, alguns dos trabalhadores em questão realizam os exames por iniciativa própria.

Outro aspecto que chamou a atenção nos depoimentos foi a referência à importância tanto da saúde física quanto mental: “[...] estar bem fisicamente, mentalmente, principalmente para o ramo do mototaxista, a gente tem que estar bem consigo mesmo para passar a tranquilidade para o usuário.” (MT 17).

De acordo com a recomendação da Organização Internacional do Trabalho (OIT), para a conservação do mais alto grau de bem-estar físico, mental e social dos trabalhadores em todas as suas ocupações é essencial o controle eficaz dos riscos existentes nos ambientes de trabalho, para que não continuem a comprometer a sua saúde.¹⁷

No Brasil, muitos trabalhadores estão expostos, diariamente, a diversos riscos, ocasionando agravos à saúde, milhares de mortes e centenas de milhares de mutilações que poderiam ser evitadas.¹⁸ Para conhecê-los, é fundamental ouvir a opinião dos trabalhadores sobre os riscos que enfrentam cotidianamente.

CONHECIMENTO DOS MOTOTAXISTAS A RESPEITO DOS RISCOS OCUPACIONAIS

O trabalho é uma das causas de satisfação de várias necessidades humanas, como autorrealização, sobrevivência e manutenção de relações interpessoais, mas também pode resultar em adoecimento quando apresenta fatores de risco para a saúde e o trabalhador não possui condições suficientes para garantir a proteção.¹⁹ Os riscos ocupacionais representam fatores ou condições existentes no ambiente de trabalho que podem ocasionar danos à saúde do trabalhador.²⁰ A seguir, apresentam-se alguns fragmentos de discursos dos mototaxistas com relação ao seu conhecimento sobre os riscos ocupacionais:

“É um perigo da profissão.” (MT 5).

“É o risco que acontece com a gente no dia a dia.” (MT 15).

“[...] as infrações que as pessoas cometem no trânsito significam muito; eu corro dele pra manter a sobrevivência.” (MT 12).

“É arriscado, porque a gente carrega vidas em cima da moto, aí tem que ter muito cuidado com a vida dos outros e a vida da gente também.” (MT 25).

Apreende-se, nessas falas, que os entrevistados caracterizam os riscos como um “perigo constante” de seu trabalho e a maior parte deles expressou o conceito por meio de exemplos do cotidiano da ocupação. O risco como perigo, no discurso social comum, é um dos pressupostos filosóficos nas formas de apresentação do conceito de risco. Outros pressupostos são o risco individual, predominante na clínica; o risco populacional, como conceito da Epidemiologia; e o risco estrutural, para a Saúde Ambiental/Ocupacional.²¹

Considera-se relevante o fato de todos os mototaxistas terem relatado não só a existência como também a preocupação com os riscos ocupacionais. A generalização do uso do conceito de risco, apesar de nem sempre empregado de maneira correta, tem oferecido um considerável potencial para melhor compreensão dos problemas relacionados à saúde do trabalhador.²² Os fatores de risco geram cargas à saúde dos trabalhadores e, quando não suprimidos, transformam-se em situações de risco que geralmente provocam acidentes ou doenças do trabalho cujas consequências podem atingir suas famílias, a população e o ambiente do entorno ou da região.²³

Existem várias classificações para os riscos ocupacionais. Neste estudo foi utilizada aquela que divide esses riscos em: físicos, ergonômicos, de segurança, sociais, ambientais, bio sanitários, químicos e psicológicos.²⁴ Tal escolha deve-se ao fato de esta classificação ser a mais completa encontrada na literatura e a mais adequada para este tipo de pesquisa.

Os fatores de risco físicos são aqueles que se apresentam sob a forma de energia.²⁰ Uma particularidade desses fatores é a possibilidade de mensuração de sua intensidade por meio de instrumentos específicos.²⁴ Alguns entrevistados, em seus depoimentos, ressaltaram esses riscos físicos:

“[...] o sol é um risco constante também, porque o calor em Jequié é muito forte.” (MT 4).

“[...] pode pegar uma doença, um câncer na perna, por causa do sol quente.” (MT 6).

“O sol, que prejudica a visão e a pele também.” (MT 24).

Esses depoimentos evidenciam os riscos físicos das radiações não ionizantes ultravioleta (UV) e as altas temperaturas, ambas provocadas pelo sol. A exposição ao sol durante o trabalho é um dos problemas mais significativos para o trabalhador, quando desempenha atividades que exijam enfrentar essa situação.²⁵ Conforme relatado pelos entrevistados, em consonância com a literatura,²⁵ as radiações solares podem provocar várias reações cutâneas, como queimadura e câncer, bem como disfunções visuais. Já as altas temperaturas podem ocasionar vários distúrbios, como fadiga, exaustão do calor, erupções cutâneas, entre outros, se as medidas adotadas pelo organismo para evitar a hipertermia não forem suficientes ou deixarem de funcionar adequadamente.²⁰

Outros riscos físicos aos quais os mototaxistas estão expostos e que não foram citados por eles são o ruído e as vibrações. O ruído é caracterizado como um som desagradável.²⁶ No contexto em questão, é produzido pelo motor e pelas sirenes das motos e carros no trânsito e a exposição intensa pode provocar perda auditiva temporária ou permanente.²⁷ A vibração ocorre quando as partículas de um corpo estão imbuídas de um movimento oscilatório, com relação a uma posição de equilíbrio ou referência.²⁰ No caso da motocicleta, é também causada pelo motor. Os efeitos são proporcionais, de acordo com a intensidade, ou seja, as vibrações de fraca intensidade afetam o bem-estar e o conforto das pessoas expostas; à medida que se eleva o nível de exposição, observa-se uma diminuição das capacidades. Já as vibrações de forte intensidade podem gerar lesões fisiológicas e patologias graves.²⁸

Quanto aos riscos ergonômicos estão relacionados às atividades motrizes responsáveis pela ocorrência da fadiga, provocada pelo esforço das estruturas musculares e esqueléticas próprio da ação dos movimentos, uso da força e gasto de energia no trabalho.²⁴ Como exemplos desse grupo de riscos ocupacionais, os mototaxistas relataram: “[...] atualmente pode não ser um risco, né, constante agora, mas futuramente, né, pode ser mais grave. Agente trabalha nos pontos, trabalha em cima de moto, passando por cima de buraco, então isso pode causar problema de coluna também.” (MT 4). Esses trabalhadores evidenciam como consequência dos riscos ocupacionais os “problemas de coluna”. Estudos demonstram que, atualmente, os distúrbios dolorosos da coluna vertebral são a maior causa isolada de transtornos de saúde e de absenteísmo relacionados ao trabalho.²⁹

Apesar de terem relatado coerentemente uma consequência – as disfunções na coluna –, os mototaxistas não mencionaram os fatores de risco ergonômicos aos quais estão expostos, a saber: posturas inadequadas para pilotar a motocicleta e até mesmo a configuração do ambiente laboral, visto que, conforme relatado, a maioria dos “pontos” de mototáxi

localizam-se nas calçadas, não dispondo nem mesmo de locais apropriados para o descanso. Outro aspecto que chamou a atenção nesse depoimento foi o equívoco ao apresentar o caráter temporal do risco, ao relatar que “atualmente pode não ser um risco”, pois o sujeito confundiu o risco com a doença ocupacional já instalada. Contudo, expressou-se corretamente ao referir que “futuramente [...] pode ser mais grave”. Afinal, o risco pode tornar-se mais danoso após exposições prolongadas no decorrer do processo de trabalho.

Os fatores de riscos de segurança comprometem a segurança dos trabalhadores nos ambientes de trabalho e podem provocar acidentes,³⁰ conforme explicitam os mototaxistas:

“Falta de segurança e falta de estrutura no trânsito.” (MT 3).

“Os riscos que nós temos com nosso trabalho alternativo são vários, né. Então, nós estamos expostos a acidentes, estamos expostos a assalto, a roubos.” (MT 18).

“[...] imprudência de colegas da gente da própria profissão, de motoristas de veículos, de ciclistas, de pedestres. Tudo isso é um risco que a gente tem.” (MT 10).

“[...] acidentes, acontecem com a gente e outras coisas mais. Vários riscos, até conduzindo um passageiro que às vezes é um marginal, um ladrão, com drogas [...]” (MT 15).

“A gente sai de casa e não sabe se volta. No momento tá tendo coisas de muito risco, como assaltos, acidentes e outros, outros aí, né? Muito perigoso!” (MT 11).

Diante do exposto, apreende-se que os sujeitos do estudo reconhecem como riscos de segurança em seu trabalho a imprudência de pilotos, motoristas, ciclistas e pedestres; trânsito desorganizado; falta de policiamento; assaltos e acidentes. Entretanto, a imprudência, a desorganização do trânsito e a falta de policiamento são alguns dos fatores risco que propiciam a ocorrência de assaltos e acidentes. O acidente, muitas vezes, é confundido com o risco, mas entende-se que a desorganização no trânsito, a falta de educação dos motoristas e dos pedestres, associado ao policiamento insuficiente e à impunidade contribuem para o aumento dos acidentes graves envolvendo mototaxistas.

As abordagens tradicionais interpretam o acidente de trabalho como um acontecimento simples, com origens em uma ou poucas causas, encadeadas de modo linear e determinístico.^{31,32} Essa abordagem privilegia a ideia de que os acidentes decorrem de falhas dos operadores (ações ou omissões), de intervenções em que ocorre desrespeito à norma ou prescrição de segurança, enfim, “atos inseguros” originados em aspectos psicológicos dos

trabalhadores.³² Contudo, de maneira semelhante ao exposto em estudo sobre prevenção de acidentes,³¹ os depoimentos dos entrevistados revelam que os acidentes são eventos resultantes de interações de eventos, de uma rede de causalidade, rede de fatores de risco, especialmente os organizacionais. A atividade dos mototaxistas responde a demandas técnicas (serviço com qualidade e no tempo certo) no âmbito do transporte urbano e de processos intersubjetivos dominados pelas relações com os clientes.

Os sujeitos do estudo confirmaram que os riscos sociais demonstram o caráter indissociável da esfera social e da esfera da produção para análise da saúde nos seguintes depoimentos:

“[...] bebida alcoólica, andar de moto bebendo.” (MT 6).

“[...] tem gente que bebe, usa drogas e tal. A gente tá levando uma pessoa, de repente a polícia aborda a gente e aquela pessoa tá com droga ali e a gente ser mal visto assim e mal interpretado, entendeu. Pensar que a gente tá fazendo a participação naquele meio.” (MT 11).

“[...] a maioria das pessoas só fala ‘aqui é o motoqueiro’, mas não, ‘tudo que acontece é o motoqueiro’, mas não. Tem muita gente de família que trabalha em mototáxi, como tem muito vagabundo vendendo droga em cima de moto, dizendo que é mototáxi.” (MT 19).

Nesses relatos, os mototaxistas queixam-se de que a população atribui-lhes a responsabilidade por alguns atos ilícitos, como a comercialização de drogas. Nesse contexto, configuram-se como riscos sociais dessa ocupação o uso de bebidas alcoólicas e drogas, além do preconceito por parte da sociedade.

Em consonância com estudo que investigou a prevenção de acidentes,³¹ percebe-se que a opinião pública em relação aos motociclistas profissionais revela, de certa forma, uma “hipocrisia social”, avaliando positivamente o seu trabalho, mas negativamente seu comportamento, como se um e outro existissem separadamente.

Os entrevistados não relataram nenhum fator de risco bio sanitário, químico, psicológico e ambiental. Percebe-se que eles não estão expostos apenas aos fatores de risco ambientais. Assim, com exceção deste, todos os demais fatores propostos em estudo sobre saúde no trabalho e mapeamento dos riscos²⁴ estão presentes no processo de trabalho dos mototaxistas, configurando-se como riscos ocultos segundo estudo sobre riscos do trabalho de enfermagem,³⁰ visto que os atores sociais em questão não percebem sua existência.

Os trabalhadores das mototáxis estão expostos aos riscos bio sanitários em razão do contato próximo com os clientes, que podem estar infectados com vírus ou bactérias transmissíveis. Além disso, estão expostos a condições precárias de higiene nos espaços laborais, pois os “pontos” de mototáxi, geralmente, estão localizados nas calçadas. Portanto, para satisfazer as necessidades fisiológicas, eles necessitam fazer uso de banheiros e bebedouros em locais públicos, que algumas vezes se encontram em más condições de asseio, ocasionando a proliferação de microrganismos e elevando a possibilidade de contaminação. Vale salientar a falta de higiene dos capacetes utilizados por eles e pelos clientes.

No grupo dos fatores de risco químicos, não citados pelos mototaxistas, percebe-se que também estão sujeitos aos efeitos da fumaça e da poeira expelidas durante a combustão da gasolina e diesel pelos veículos de transporte.

Quanto aos riscos psicológicos, os trabalhadores em questão expõem-se a atenção intensa no trânsito, carga horária elevada e trabalho noturno. Tais condições podem ter consequências graves para a saúde do trabalhador, como o desgaste psicológico, sofrimento mental ou estresse. Estressores ocupacionais estão comumente relacionados à organização do processo de trabalho, como pressão para produtividade, condições adversas à segurança no trabalho, falta de treinamento e orientação e ciclos trabalho-descanso não coerentes com os limites biológicos.³³

Foram verificados riscos semelhantes em estudo³⁴ realizado em cidades angolanas com trabalhadores do setor de transportes coletivos informais, como mototaxistas, que enfrentam vários riscos no seu dia a dia, em relação aos quais estão geralmente desprotegidos, como poluição, baixa remuneração, estresse/tensão, conflitos com passageiros, comportamentos arbitrários da polícia de trânsito, entre outros.

Alguns entrevistados – apenas três pessoas – acreditam que os riscos ocupacionais não podem ser evitados ou prevenidos, conforme se verifica nas seguintes unidades de análise:

“Isso, pra mim, é um risco diário, um risco que todo mundo que tá nesse trabalho tem. Não tem como tá livre.” (MT 3).

“É inevitável [...] pra diminuir só Deus mesmo.” (MT 8).

“Só outro emprego. Quando sair da moto acaba o risco. Só assim.” (MT 16).

É possível apreender, nos depoimentos citados, que os sujeitos que percebem os riscos como inevitáveis levam em consideração apenas os riscos de segurança, que

ocasionam acidentes e violência. Assim, percebe-se que os mototaxistas acreditam que os riscos são intrínsecos ao trabalho desenvolvidos por eles. Esse conceito de risco “intrínseco” traz consigo a ideia, errônea e largamente disseminada, da necessária presença de fatores de risco considerados inseparáveis de determinadas atividades de trabalho.¹⁵ A sua redução é um processo complexo, pois é fundamental a criação de políticas públicas e medidas intersetoriais, além de medidas de proteção individual. Contudo, discorda-se da impossibilidade de eliminação e controle desses riscos.

Ademais é possível perceber que a religiosidade e a espiritualidade estiveram presentes nos depoimentos, pois alguns mototaxistas referiram que apenas Deus poderia diminuir os riscos que enfrentam no cotidiano. Dessa forma, não se pode negar o papel da religião no enfrentamento das condições adversas por esses trabalhadores.³⁵

Para que os mototaxistas mudem sua opinião sobre a inevitabilidade dos riscos a que estão submetidos e tenham conhecimento sobre as medidas de controle é essencial a realização de educação permanente. O direito à informação extrapola a mera capacitação. O trabalhador tem o direito de receber informações sobre os riscos ocupacionais aos quais está exposto e como prevenir possíveis danos. Também deve ser elucidado sobre quanto esses riscos comprometem a sua saúde.³⁶

MEDIDAS DE PREVENÇÃO ADOTADAS PELOS MOTOTAXISTAS

O conhecimento dos riscos exerce um papel importante na prevenção dos possíveis danos, pois pode reforçar e estimular a adoção das medidas de proteção, mediante um processo de responsabilização do trabalhador por sua saúde, e, coletivamente, transformar a organização para reivindicar a eliminação desses fatores.³⁶ Os riscos ocupacionais podem estar presentes em todo ambiente e atingir qualquer trabalhador, ocasionando várias consequências, como as doenças profissionais ou relacionadas ao trabalho e os acidentes. Diante desta situação, faz-se necessária a adoção de medidas de prevenção que visem garantir a saúde e a segurança dos trabalhadores.

Os mototaxistas participantes do estudo relataram utilizar as seguintes medidas de prevenção:

“No nosso caso mesmo, usar protetor solar, porque agente trabalha exposto ao sol, né, e sempre trabalhar de sapato, de calça, pra no caso de acidente [...] andando no trânsito com moderação, a 40 km por hora, e dessa forma você pode prevenir alguns acidentes, algum obstáculo que tiver na sua frente você pode evitar [...]” (MT 4).

“[...] manutenção de motos, acidentes, tem que usar capacete [...]” (MT 21).

“A pessoa tem que ficar mais atenta, pra não ocorrer certo tipo de risco e também não oferecer risco para outras pessoas.” (MT 13).

“[...] então, a gente tem que procurar se prevenir, trabalhar com cautela, com muita atenção, respeitando a nossa própria vida. Porque aí a gente, respeitando a nossa própria vida, a gente está também respeitando a vida do usuário do mototaxista.” (MT 17).

“A pessoa parar de correr e parar de beber e dirigir a moto.” (MT 6).

“Andar de chinelo é perigoso, por causa da moto; andar descalço, você machuca o pé rapidamente; andar sem o equipamento necessário de moto. Isso, pra mim, é risco no meu trabalho.” (MT 7).

Os entrevistados demonstraram conhecer alguns meios de prevenção de riscos. Entre eles, os Equipamentos de Proteção Individual (EPIs), como capacete e sapato fechado, que previnem os riscos relacionados à segurança. Outra medida de proteção bastante citada pelos sujeitos foi o uso de protetor solar, que protege contra a radiação UV. A utilização do protetor é muito importante, visto que a cidade de Jequié apresenta altas temperaturas, especialmente no verão. Outra medida de proteção é o uso de óculos com lentes adequadas. Para proteção contra as altas temperaturas, também é importante a reposição de água e eletrólitos, por meio da ingestão frequente de água e sucos, além da utilização de roupas leves e que evitem a reabsorção do calor.

Outros fatores de risco físicos do trabalho do mototaxista, já citados, são o ruído e a vibração. Para esses, existem alguns meios de proteção, como o uso de protetores auriculares e o uso de suportes antivibratórios.²⁰ No entanto, não se irá propor a sua utilização neste estudo, pois são necessárias pesquisas para avaliar a viabilidade dessas medidas para a proteção desses trabalhadores.

Os mototaxistas também referiram como medida de controle a cautela no trânsito, a baixa velocidade ao pilotar a moto, prevenindo riscos de segurança para si e para os clientes que utilizam a mototáxi como meio de transporte.

Para a proteção contra os riscos sociais, os sujeitos citaram o não consumo de bebida alcoólica antes e durante o trabalho. Isso é essencial, pois estudos da Associação dos Estudos do Álcool e Outras Drogas indicam que, em 1990, no Brasil, o alcoolismo era o terceiro motivo de absenteísmo no trabalho, sendo a causa mais frequente de aposentadorias precoces e acidentes de trabalho, além de ser a oitava causa para a concessão de auxílio

doença pela Previdência Social.³⁸ Além disso, ressalta-se a importância da associação dos mototaxistas, a Amoje, para a maior regularização, bem como esclarecimento do seu trabalho para a população, a fim de evitar o preconceito contra esses profissionais, bem como a participação dos órgãos responsáveis pelo trânsito na realização de campanhas educativas.

Em relação aos riscos de segurança, os entrevistados referiram à importância de EPIs, como capacete e sapato adequado. O EPI refere-se ao uso de barreiras para proteger o trabalhador, individualmente, dos agentes de risco.³⁸

Como os mototaxistas não reconheceram os riscos químicos, biológicos e psicológicos em seu trabalho, também não mencionaram a adoção de medidas de proteção. Diante disso, são expostas as medidas de prevenção contra esses riscos, na opinião dos autores: quanto à proteção para os riscos químicos, é importante adotar medidas de caráter coletivo e intersetorial, visando a criação e adoção de combustíveis e veículos com menor combustão de substâncias tóxicas; para os riscos biológicos, propõe-se a higienização dos capacetes diariamente, principalmente o capacete utilizado pelos clientes, bem como a higienização das mãos, sobretudo após o uso de banheiros públicos; em relação aos riscos ergonômicos, é indicada a adoção de posturas adequadas, que devem ser orientadas por profissionais habilitados, a fim de prevenir distúrbios causados pela inadequação postural, além da preferência, por parte dos mototaxistas, por pontos com estrutura física adequada, que possuam melhores condições para descanso enquanto aguardam os clientes; para a prevenção dos riscos psicológicos, recomenda-se maior quantidade de intervalos e diminuição da carga horária desses trabalhadores, bem como a regularização da categoria, tornando-os trabalhadores formais, pois essas medidas podem influenciar na melhoria da sua saúde e proporcionar-lhes maior tempo ao lazer e, até mesmo, maior produtividade.

SUGESTÕES DOS MOTOTAXISTAS PARA DIMINUIÇÃO DOS RISCOS OCUPACIONAIS

As propostas apresentadas pelos mototaxistas para a diminuição dos riscos ocupacionais que envolvem ações intersetoriais podem ser vistas nos seguintes depoimentos:

“As autoridades têm como melhorar, padronizar, reconhecer realmente de verdade o mototáxi e produzir equipamentos mais rígidos, obrigatórios, pra todo mundo usar.” (MT 7).

“Mais segurança para os trabalhadores, entendeu? Mais segurança, organização. Até mesmo segurança no trânsito e segurança, assim, a facilidade da gente tá ali

organizado e uma contribuição pra, se vir a acontecer uma coisa com a gente, a gente tá assegurado.” (MT 11).

“Pode ser com muita fiscalização, tá entendendo? Vindo da parte da segurança pública [...]” (MT 17).

“Mais policiamento ostensivo, com referência a roubos e acidentes. A necessidade da prefeitura fazer uma conscientização no trânsito; educação no trânsito.” (MT 20).

Nesse contexto, fica explícito que os mototaxistas sugerem como medidas de proteção coletiva a intensificação do policiamento, a regularização da ocupação de mototaxista, a produção e a fiscalização de EPIs, a contribuição para a previdência social e a conscientização dos atores sociais envolvidos no trânsito. As medidas propostas são coerentes, pois, afinal, os detentores do maior conhecimento de soluções ideais de proteção são os próprios trabalhadores que estão expostos aos riscos.

A “conscientização” foi outra medida de proteção citada pelos entrevistados. Acredita-se que abrange, além da conscientização no trânsito, enquanto pilotos de veículos de transporte, a compreensão dos aspectos relativos à saúde do trabalhador. Para o alcance de tal medida, faz-se necessária a realização de atividades de educação permanente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo possibilitou a identificação dos principais riscos ocupacionais reais do trabalho dos mototaxistas segundo o ponto de vista deles, e expor os riscos ocultos, os que não foram percebidos por eles. Os riscos reais foram: físicos – radiação UV e altas temperaturas; ergonômicos; de segurança – falta de policiamento, trânsito desorganizado e imprudência; e sociais – uso de álcool e drogas, além do preconceito. Já os riscos ocultos foram: físicos – ruído e vibração; químicos – fumaça, fuligem e poeira; bio sanitários – vírus, bactérias e bacilos; ergonômicos – posturas inadequadas e configuração do ambiente laboral; e psicológicos – atenção intensa, carga horária elevada e trabalho noturno.

Percebe-se que os trabalhadores em questão desconhecem as categorias de risco ocupacionais, de modo que os exemplos de risco citados por eles foram categorizados pelos pesquisadores. É possível perceber que os mototaxistas citaram os acidentes e as doenças ocupacionais como riscos, no entanto eles não são os riscos propriamente ditos, e sim as consequências.

A falta de educação permanente pode ter influenciado na percepção e, conseqüentemente, no relato de poucas medidas de prevenção e controle de riscos,

especialmente as medidas de proteção pessoal, citadas pelos informantes, atribuindo a responsabilidade a diversos órgãos.

Constatou-se também que a mototáxi é uma importante alternativa de transporte urbano em Jequié (BA), além de caracterizar-se como um elemento facilitador da inclusão social dos trabalhadores e usuários. Sendo assim, é essencial a organização desses trabalhadores, a fim de exercerem o controle social, reivindicando melhorias para as condições de trabalho e transformando a ocupação numa profissão.

Diante desses resultados, conclui-se que é importante a regularização da profissão e a adoção de medidas intersetoriais para a prevenção e o controle dos riscos ocupacionais cujas estratégias poderão reduzir os acidentes de trabalho e o preconceito com a categoria. Ademais é válido ressaltar a necessidade de elaboração de sistemas de informação que, independentemente da maneira de inserção do trabalhador no mercado de trabalho, possam captar a ocorrência de acidentes do trabalho.³⁹

REFERÊNCIAS

1. Joia LC, Regis EB, Jóia SC. Riscos ocupacionais entre profissionais da saúde de Barreiras-BA. *Rev Saúde Com.* 2009;5(2):97-107.
2. Burguess WA. A identificação de possíveis riscos à saúde do trabalhador nos diversos processos industriais. Belo Horizonte: Ergo; 1997.
3. Mendes LR. O trabalho do motorista de ônibus: reflexões sobre as condições de trabalho no transporte coletivo. In: Sampaio JR, organizador. *Qualidade de vida, saúde mental e Psicologia Social.* São Paulo: Casa do Psicólogo; 1999. p. 153-80.
4. Serviço Social do Transporte. Serviço Nacional de Aprendizagem do Transporte. *Ergonomia e qualidade de vida no setor de transporte.* Brasília; 2001.
5. Organização Mundial da Saúde. *Informe mundial sobre la violencia y la salud.* Washington, D.C.; 2002.
6. Souza NSS, Portinho BG, Barreiros MF. Acidentes de trabalho com óbito registrados em jornais no estado da Bahia. *Rev Baiana Saúde Pública.* 2006;30(1):77-89.
7. Gomes NA, Duque ANF. Mototáxi: uma alternativa no transporte urbano de Sobral? *Rev Homem, Espaço e Tempo.* 2009 mar;ano 3(1):124-40.
8. Amorim CR, Araújo EM, Araújo TM, Oliveira NF. Acidentes de trabalho com mototaxistas. *Rev bras epidemiol.* 2012;15(1):25-37.

9. Brasil. Lei n.º 12 009, de 29 de julho de 2009. Regulamenta o exercício das atividades dos profissionais em transporte de passageiros, “mototaxista”, em entrega de mercadorias e em serviço comunitário de rua, e “motoboy”, com o uso de motocicleta. Diário Oficial da União. 2009 jul 30. Seção 1:4.
10. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo Demográfico 2010. Rio de Janeiro; 2010. Extraído de [http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/default_sinopse.shtm], acesso em [10 de maio de 2011].
11. Minayo MCS, Deslandes SF, Gomes R. Pesquisa social: teoria, método e criatividade. 25.ª ed. Petrópolis: Vozes; 2007.
12. Gomes R, Souza ER, Minayo MCS, Malaquias JV, Silva CFR. Organização, processamento, análise e interpretação de dados: o desafio da triangulação. In: Minayo MCS, Assis SG, Souza ER. Avaliação por triangulação de métodos: abordagem de programas sociais. Rio de Janeiro: Fiocruz; 2005. p. 185-222.
13. Bardin L. Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70; 2006.
14. Brasil. Lei n.º 8 080, de 19 de setembro de 1990. Dispõe sobre as condições para a promoção, proteção e recuperação da saúde, a organização e o funcionamento dos serviços correspondentes e dá outras providências. Brasília; 1990. Extraído de [http://www.samu192.com.br/aulas2/legislacao/lei_organica8080_19_09_90.pdf], acesso em [20 de fevereiro de 2011].
15. Jakobi HR. Mapa de risco ocupacional no estado de Rondônia baseado em tecnologia de georeferenciamento [dissertação]. Porto Velho: Universidade Federal de Rondônia; 2008.
16. Brasil. Ministério do Trabalho. Norma Regulamentadora n.º 7. Estabelece a obrigatoriedade de elaboração e implementação, por parte de todos os empregadores e instituições que admitam trabalhadores como empregados, do Programa de Controle Médico de Saúde Ocupacional – PCMSO. Extraído de [http://www.epsprotecao.com.br/downloads/nr_07_at.pdf], acesso em [6 de fevereiro de 2011].
17. Federighi WJP. Ergonomia. In: Carvalho GM. Enfermagem do trabalho. São Paulo: EPU; 2001. p. 79-95.
18. A Saúde do Trabalhador no SUS: contribuição para o debate sobre o modelo de atenção e a sua estratégia de implementação. Trabalho apresentado no 11.º Encontro da RENAST-SP. São Paulo; 2007 jun 6.
19. Murta SG, Tróccoli BT. Avaliação de intervenção em estresse ocupacional. Rev Psicol: Teoria e Pesq. 2004;20(1):39-47.
20. Camargo EA. Introdução à higiene ocupacional. In: Carvalho GM. Enfermagem do trabalho. São Paulo: EPU; 2001. p. 161-2.

21. Almeida-Filho N, Coutinho DMB. Causalidade, contingência, complexidade: o futuro do conceito de risco. *Physis: Rev Saúde Coletiva*. 2007;17(1):95-137.
22. Lieber RR. Melhoria das condições de trabalho e o conceito de risco. Associação Brasileira de Engenharia de Produção. 1999. Extraído de [http://www.abepro.org.br/biblioteca/ENEGEP1999_A0556.PDF], acesso em [5 de janeiro de 2011].
23. Pignati WA. Os riscos, agravos e vigilância em saúde no espaço de desenvolvimento do agronegócio no Mato Grosso [Tese]. Rio de Janeiro: Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca; 2007.
24. Sivieri LH. Saúde no trabalho e mapeamento dos riscos. In: *Saúde, Meio Ambiente e Condições de Trabalho: conteúdos básicos para uma ação sindical*. São Paulo: Fundacentro/CUT; 1996. p. 75-111.
25. Pinheiro JL, Lins JFABA, Gonçalves DC, Nogueira MCJA. Riscos à saúde do trabalhador da construção civil em trabalho à céu aberto: uma revisão de literatura. [2006]. Extraído de [http://cpd1.ufmt.br/eest/index2.php?option=com_docman&task=doc_view&gid=96&Itemid=99], acesso em [4 de janeiro de 2011].
26. Tuffi MS. Manual prático de avaliação e controle do ruído. São Paulo: LTR; 2004.
27. Komniski TM, Watzlawick LF. Problemas causados pelo ruído no ambiente de trabalho. *Rev Eletr Lato Sensu*. 2007;2(1):147-60. Extraído de [http://web03.unicentro.br/especializacao/Revista_Pos/P%C3%A1ginas/2%20Edi%C3%A7%C3%A3o/Engenharia/PDF/11-Ed2_EN-Problem.pdf], acesso em [2 de janeiro de 2011].
28. Braga CAC. Exposição ocupacional a vibrações no sistema mão-braço no sector da construção [dissertação]. Porto: Universidade do Porto; 2007. Extraído de [<http://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/.../Texto%20integral.pdf>], acesso em [6 de janeiro de 2011].
29. Couto HA. Doenças osteomusculares relacionadas com o trabalho: coluna e membros inferiores. In: Mendes R. *Patologia do trabalho*. 2.^a ed. São Paulo: Atheneu; 2007.
30. Bulhões I. Riscos do trabalho de enfermagem. 2.^a ed. Rio de Janeiro: Folha Carioca; 1994.
31. Diniz EPH, Assunção AA, Lima FPA. Prevenção de acidentes: o reconhecimento das estratégias operatórias dos motociclistas profissionais como base para a negociação de acordo coletivo. *Ciênc saúde coletiva*. 2005;10(4):905-16.
32. Vilela RAG, Iguti AM, Almeida IM. Culpa da vítima: um modelo para perpetuar a impunidade nos acidentes do trabalho. *Cad Saúde Pública*. 2004;20(2):570-9.

33. Carayon P, Smith MJ, Haims MC. Work organization, job stress, and work-related musculoskeletal disorders. *Human Factors*. 1999;41(4):644-63.
34. Lopes CM. Dinâmicas do associativismo na economia informal: os transportes de passageiros em Angola. *Análise Social*. 2010;XLV(195):367-91.
35. Faria JB, Seidl EMF. Religiosidade e enfrentamento em contextos de saúde e doença: revisão da literatura. *Psicol Reflexão Crítica*. 2005;18(3):381-9.
36. Zoboli ELCP. A bioética e a enfermagem do trabalho. In: Carvalho GM. *Enfermagem do trabalho*. São Paulo: EPU; 2001. p. 79-95.
37. Castro K. Álcool e trabalho: uma experiência de tratamento de trabalhadores de uma universidade pública do Rio de Janeiro [dissertação]. Rio de Janeiro (RJ): Escola de Saúde Pública - Fundação Oswaldo Cruz; 2002.
38. Melo DS. Adesão dos enfermeiros às precauções padrão à luz do modelo de crenças em saúde [dissertação]. Goiânia (GO): Universidade Federal de Goiás; 2005.
39. Binder MCP, Wludarski SL, Almeida IM. Estudo da evolução dos acidentes do trabalho registrados pela Previdência Social no período de 1995 a 1999, em Botucatu, São Paulo. *Cad Saúde*. 2001;17(4):915-24.

Recebido em 3.8.2011 e aprovado em 19.3.2013.